

Erika Peselli

Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

Bolsista Capes.

E-mail: sbtbrasil.erika@gmail.com

A reinvenção das mídias diante a crise sanitária da Covid-19



TAVARES, Denise; REZENDE, Renata (Orgs). Protagonismo midiático e pandemia: Atravessar ruínas, reencantar o mundo. São Roque – SP: Gênero Editorial, 2023.

O livro *Protagonismo midiático e pandemia: atravessar ruínas, reencantar o mundo* (Gênero Editorial, 2023), organizado por Denise Tavares e Renata Rezende, é uma coletânea que traz reflexões acadêmicas produzidas pelo Grupo de Pesquisa Multis (UFF) sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na postura das mídias atuais. Composto por nove capítulos, a obra oferece um panorama diversificado, crítico e sensível das transformações sociais provocada durante crise sanitária global, além de retratar formas de resistência e reconstrução intermediadas pela comunicação das diferentes mídias.

A proposta central da coletânea é investigar como os profissionais das mídias em geral, jornalistas, comunicadores independentes, coletivos, artistas e produtores de conteúdo digital, assumiram um papel fundamental diante da crise pandêmica e das estruturas institucionais tradicionais, como governos, sistemas de saúde e economia. O destaque não deve ser notado apenas em termos de visibilidade e transmissão de informações, mas, também, enquanto prática ética voltada ao cuidado, à escuta, à solidariedade e à readaptação do mundo. A importância midiática, nesse contexto, se tornou uma resposta humanizadora à tamanha tragédia no âmbito social e à desinformação sistemática.

Durante a pandemia, ficou claro como as mídias, em suas diversas formas e linguagens, tiveram que se reinventar para enfrentar os desafios impostos pelo isolamento social, além de encarar ambientes mediados de desinformação intensa e de disputas narrativas. Nesse sentido, o papel dos veículos e canais de comunicação não deve ser resumido apenas à produção de conteúdo, mas, ainda, a valores como responsabilidade, sensibilidade e compromisso ético com o público. Em um cenário de desinformação generalizada, jornais, veículos alternativos de mídia e pesquisadores da comunicação passaram a desempenhar um papel crucial no combate às *fake news* e na divulgação de dados, além de aspectos mais amplos de valorização da ciência e da saúde pública.

O formato e a organização dos textos ajudam na leitura da obra e tornam a linguagem mais acessível, sem perder o caráter teórico e metodológico. Os capítulos são assinados por pesquisadores(as) de diferentes instituições, regiões e formações, trazendo um aspecto multidisciplinar e dialógico. Essa variedade ajuda a coletânea identificar diferentes formas de comprometimento por parte da mídia, tanto nos grandes centros quanto em regiões mais afastadas, como as periferias.

O primeiro capítulo, intitulado: "Paradoxos do Reencantamento: pandemia, pseudociências e gnosticismo científico", foi escrito por Alan Mocellin, e analisa como, nos tempos modernos, a ciência passou a incorporar elementos simbólicos, religiosos e até mágicos, promovendo um "reencantamento do mundo". Durante a pandemia de Covid-19, tanto a ciência quanto discursos pseudocientíficos e anticientíficos assumiram formas de crença, prometendo salvação ou alertando para a condenação, como se fossem novas religiões. Esse fenômeno, chamado por Mocellin de "gnosticismo tecnocientífico", revela um paradoxo: a ciência busca racionalidade, mas se vê cercada de narrativas mágicas e religiosas, perdendo parte de sua legitimidade diante de discursos concorrentes baseados no misticismo.

O capítulo dois, escrito por Alexandre Freitas Campos, "Divulgação Científica e Reencantamento do Mundo", faz uma breve análise dos astrônomos: Carl Sagan e Marcelo Gleiser. Gleiser defende que a ciência não exclui outras formas de conhecimento e que ela pode despertar um novo encantamento com o mundo, semelhante ao pensamento de Carl Sagan. É discutido, também, temas como o fim do mundo, que antes eram ligados à

religião, mas atualmente estão sendo mencionadas pela ciência, especialmente diante de ameaças como o aquecimento global e pandemias. O texto aborda, ainda, uma relação mais cuidadosa e responsável com a natureza, valorizando tanto o saber científico quanto os saberes tradicionais. A divulgação científica, quando conectada a valores, pode ser uma solução contra a desinformação e, então, uma maneira de reencantar o mundo.

Já o terceiro capítulo do livro foi escrito por duas autoras: Letícia Feitosa Barreto Denise Cristina Ayres Gomes, e recebeu o título “Durante a Pandemia: a vida encantada na fanpage do analgésico Dorflex”, no qual é analisada a campanha publicitária do analgésico Dorflex durante a pandemia de Covid-19, baseando-se em autores como Byung-Chul Han, Michel Maffesoli e Michel Foucault. Vivemos em uma “sociedade paliativa”, marcada pela busca constante pelo prazer e pela recusa ao sofrimento. Chama a atenção no trabalho como uma tecnologia atua do imaginário, oferecendo soluções simbólicas e simplificadas para lidar com o estresse e a dor.

O capítulo seguinte, “Cotidianos Distópicos: a LGBTIFOBIA em um Brasil desencantado”, foi escrito por Diego de Souza Cotta. Nele, o autor aborda as violências simbólicas e materiais vividas por pessoas LGBTI+ no Brasil, colocando em evidência um dia a dia marcado por agressões e preconceitos, como o racismo, a lgbtifobia, o machismo, e a discriminação social, agravado, ainda mais, em um contexto de crise, destacando formas de sofrimentos, desigualdades sociais e preconceitos.

Max Milliano Melo escreve o capítulo cinco, “A Imagem Interditada: mulheres e visibilidade em BBBs da pandemia”. O texto faz uma análise crítica da representação das mulheres, especialmente as mulheres negras, no programa Big Brother Brasil (BBB). O autor observa que, apesar de o programa se vender como uma vitrine para “pessoas comuns”, as mulheres que participam da atração só teriam interesse de se promoverem na mídia para ganhar fama. O autor também recorre às teorias de Carole Pateman e Anne Phillips para discutir como a estrutura da esfera pública liberal historicamente excluiu as mulheres, reforçando desigualdades de gênero e raça, tema bastante discutido, também, no período pandêmico.

“Números, Notificações e a Cegueira Moral: um paralelo entre Black Mirror e os dados da pandemia”, escrito por Daniel Scarcello, constitui o capítulo seis da obra e traz uma discussão de como a pandemia da Covid-19 foi representada pela mídia, destacando os riscos de banalização do sofrimento humano devido a grande repetição de estatísticas. A partir da análise do episódio “Smithereens”, da série Black Mirror, o autor faz uma crítica de como a cobertura jornalística transformou mortes e infecções em números cotidianos, minimizando a gravidade da situação.

Fernanda Costantino elaborou capítulo sete, “Midiatização do Amor: um percurso na história das formas mediadas de encontros e encantos amorosos”. O texto traz uma discussão de como os aplicativos de relacionamento continuaram sendo usados durante a pandemia e, ao mesmo tempo, transformando práticas antigas de busca por relações amorosas, como os antigos classificados de jornal. Mesmo com mudanças técnicas e culturais, o amor permanece como um elemento central e transformador na vida cotidiana, independente da mídia utilizada.

O capítulo oito, intitulado, “Entre a Ambivalência e a Epifania: é possível reencantar o mundo pelos afetos midiaticizados?”, é de autoria de Renata Rezende, e traz uma reflexão sobre o desenraizamento, considerado por Simone Weil como a “mais perigosa doença das sociedades”. Em tempos de crises e fragmentações sociais, como a pandemia, a autora

destaca a importância de tentar se reconectar às raízes socioculturais, tentando resgatar uma vida social ética, baseada entre direitos e deveres.

Por fim, o texto de Denise Tavares, “De Volta Ao Paraíso: trilhas teóricas e midiáticas contemporâneas no reencantamento da natureza” é o capítulo de encerramento do livro. Nele, a autora faz uma análise do documentário “Castelo de Terra”, de Oriane Descout, que registra sua jornada de cerca de sete anos vivendo em áreas rurais brasileiras, na busca por uma vida mais conectada à natureza e à comunidade. O documentário explora o conflito entre a vida comunitária e a necessidade de espaços pessoais, mostrando uma experiência de vida solitária e de descobertas, revelando a importância de novos ares, como o conceito do ‘Bem Viver’, que prioriza a harmonia entre o indivíduo, a comunidade e a natureza.

Resumindo, *Protagonismo midiático e pandemia* é uma ótima contribuição para os estudos da comunicação, principalmente em tempos de crise, oferecendo recursos conceituais, metodológicos e analíticos para compreender os desafios nas práticas comunicativas diante ao caos. Ao tratar de temas como ética da informação, escuta ativa, ativismo digital e memória coletiva, o livro se coloca como um documento fundamental de entendimento do passado recente, além de projetar uma comunicação mais justa. Ao fazer um alerta para a reconstrução ética e solidária do mundo, a obra é recomendada, principalmente, para pesquisadores, estudantes e profissionais da área da comunicação e, por que não, da saúde e de outros campos das ciências humanas e sociais. Mais do que nunca, comunicar é também um ato político e interdisciplinar de esperança e reconstrução.